

**O CALU**

## CALU

CALU estreou a 11 de dezembro de 1920, apresentado pelo Grêmio Dramático Familiar, em sua sede, com o seguinte elenco.

CEL. MONTEZUMA .....	Augusto Guabiraba
FLORA . . . . .	M. <sup>a</sup> de Lourdes Germano
DR. MANDUCA .....	Joaquim Santos
JOSEFA . . . . .	Beatriz Façanha
NINITA . . . . .	Zilda Sepúlveda
MARICOTA . . . . .	Basília Façanha
CALU . . . . .	Eurico Pinto
CHICO . . . . .	Inácio Rats
NORATA . . . . .	Raimundinha Façanha
VIÚVA . . . . .	Odete Vieira
ZÉ MINGOTE .....	Edilberto Façanha
GALDINO . . . . .	Olimpio Bezerra
PEDRO REGALADO .....	José Domingos
FLORINDO . . . . .	Rodolphiano Carvalho
CABO QUELEMENTE . . . . .	José Pimenta
BEM-TE-VI . . . . .	Edilberto Façanha
BADARÓ . . . . .	Joaquim Santos
A MODA . . . . .	Beatriz Façanha
TANGUINHO . . . . .	Zilda Sepúlveda
TRANSEUNTE . . . . .	N. N.
A POLÍTICA .....	M. <sup>a</sup> de Lourdes Germano
CAVADORES . . . . .	N. N.
MATIAS .....	Rodolphiano Carvalho
ALMOFADINHA . . . . .	Joaquim Santos
1. <sup>a</sup> MELINDROSA .....	Beatriz Façanha
2. <sup>a</sup> MELINDROSA .....	M. <sup>a</sup> de Lourdes Germano
PASSANTES . . . . .	N. N.
BASTIÃO . . . . .	Joaquim Santos
FOOT-BALL . . . . .	Zilda Sepúlveda

TORCEDORAS, MATUTOS, VENDEDORES, ENGRAXATES, MENDIGOS E OUTROS FIGURANTES.

Músicas: Silva Novo e Diva Câmara.

## **“O CALU”**

Assistimos à **avant-première** da sua última produção — “O Calu”, que julgamos fadada a uma excepcional acolhida do nosso público.

Há movimento, e há teatro, há muito riso sadio, enquadrado em magnífica verve, sem o dito equívoco e a pilhéria grosseira.

Não há dúvida: Carlos Câmara evoluiu — para melhor.

**Virgílio Gomes**

Correio do Ceará (15/12/1920)

## PRIMEIRO ATO

(CASAS A E. B. E D. A./MATUTOS CANTAM EM REGOZIO  
PELO INÍCIO DO INVERNO. É UMA MANHÃ DE  
DOMINGO)

### CENA I

Cel. Montezuma, Dr. Manduca, Flora, Josefa, Ninita, Maricota e  
Matutos

FLORA, ZEFA, MARICOTA E NINITA — (CANTAM/MARCHA)

Do povo desta ribeira  
É grande a satisfação  
Ao ver que a inverneira  
Abre em flor nosso sertão!...  
Nova era de fartura  
Nos prediz o coração!...  
Já nos sorri a ventura!...

CORO —

Neste belo torrão  
Natal,  
Reina satisfação  
Geral.  
Quando o inverno  
Animador  
Abre em flor (Bis)  
O sertão.  
Vibra terna canção  
De amor  
N'alma da nossa gente  
Então,  
Que se sente (Bis)  
Reviver!  
Oh! que prazer (Bis)  
Em nosso coração!...

MANDUCA — Bravos! Bravos! É justo que festejemos, alvissareiramente, a volta do inverno. Com ele, volta também ao coração do sertanejo a alegria reconfortadora!...

CORONEL — E nós deve afestejá tomém, seu Doutô, a sua alu-  
miação p'ra promotô da Cumarca!...

MANDUCA — Diz bem, coronel. O inverno e a minha nomeação  
foram duas cousas que vieram mesmo a propósito.

CORONEL — Viva seu Doutô Manduca promotô!

MATUTOS — Viva!

MANDUCA — Obrigado, meus amigos. Em extremo me desvane-  
cem as vossas ovações.

CORONEL (ESPANTADO) — As nossas ovações?...

MANDUCA (EXPLICANDO) — Sim, coronel; as vossas aclama-  
ções; as manifestações que me são feitas.

CORONEL — Ah!... (N. TOM) Já assumiu o exelçio, seu Doutô?

MANDUCA — Ontem mesmo. E aproveito o ensejo que ora se me  
depara, Coronel, para agradecer, em público, o auxílio efi-  
caz que se dignou prestar-me, amparando, com o seu gran-  
de prestígio, a minha justa pretensão.

CORONEL — Qual o que, menino. Qui agardecê qui nada! Eu  
sei que qui tou fazendo. É munto mais mió qui seje você,  
do que vim outo de fora. O meno você nasceu aqui e já  
cunhece a maloca e os cabôco que nela véve. Num é inzato,  
rapazes?

MATUTOS — É inzato. É assim mêrmo.

CORONEL — E além disso, o finado defunto seu pai, a quem Deus  
garde...

MANDUCA — Amém!...

CORONEL (CONTINUANDO) — Sempre foi, inté morrê, meu  
curlijonaro, e inspero qui o fio vá seguindo o mêrmo ruino...

MANDUCA — Ah, quanto a isto, fique descansado, Coronel. É  
ali...

(OUVE-SE, AO LONGE, O SINO DA MATRIZ, CHAMAN-  
DO OS FIÉIS A MISSA)

FLORA (APROXIMANDO-SE) — Papai, está tocando a terceira  
chamada p'ra missa. O senhor não vai conosco à igreja?

CORONEL — Vou, inhora sim. Vamo nós todo.

MATUTOS — Vamo! Vamo!

CORONEL — É perciso dá graças a Deus Noss'inhô, pur tê, fi-  
narmente, se alebrado deste Ceará véi, mandando este  
ano um inverno, qui já vai tão bem principiado. Vamo,  
minha gente.

TODOS — Vamo! (SAEM CANTANDO/E. A.)

## CENA II

Manduca e depois Carolino

(MANDUCA OS ACOMPANHA ATÉ E.A. E VOLTA A BOCA DE CENA)

MANDUCA (SÓ) — Sim, senhor! Estou, afinal, encarreirado na vida pública. E, escudado na influência política do tal manda-chuva local, irei longe!...

MANDUCA — Hei de saber tirar dessa influência, que é, com efeito, de primeira ordem, o maior partido possível, em meu proveito! (OUTRO TOM) A sua filha Flora é a matutinha mais graciosa de todo este sertão. Enfeiteçou-me por completo o diabinho!... Assestei-lhe as baterias, e estou seriamente resolvido a fazer a asneira de casar-me. Ela é um tanto altiva, arrogante mesmo; e tem um geniozinho... É dessas que não deixam a gente pisar em ramo verde... Ah! Mas é, realmente, um mimo de graça e gentileza. Nem parece filha daquele orangotango. (O. TOM) Bem; vou até à igreja. É preciso. Aqui no sertão, este povo fica verdadeiramente escandalizado, quando alguém deixa de ir à missa aos domingos. (VAI A SAIR)

CAROLINO (ENTRANDO D.A.) — Seu Doutô! Sabe dizê se meu padrim tá im casa?...

MANDUCA (VOLTANDO-SE/A PARTE) — Eu posso lá saber quem é o padrinho deste animal! (ALTO; DEBOCHANDO-O) O seu padrim?...

CALU — Inhô sim.

MANDUCA — Apois sim! Eu vou ali e já volto, viu? Au revoir!... (SAI, RINDO-SE E.A.)

CALU (SÓ) (DEPOIS DE ACOMPANHA-LO COM A VISTA, AR-REMEDIANDO-O) — Eu rou vuá!.. Qui sujeitim macriado!.. A gente pergunta uma coisa e ele arresponde n'a besteira... (GRITANDO) Qué avoá? Apois avoe, meu louro!.. (O. TOM) Pro via disso é qui eu implico cum esses doutozim imbonecado. (VAI A E.B.) Ou de casa! (PAUSA) Móde coisa qui tá tudo ozente! (GRITANDO NOVAMENTE) Ou de casa!

## CENA III

Calu, Chico e depois Honorata.

CHICO (DENTRO DE CASA) — Ou de fora. (APARECENDO) Qué qui vamicê qué?...

CALU — Meu padrim tá im casa?

CHICO — Aquí num tem ninguém, inhor não. Só eu c'a Norata.

NORATA (GRITANDO DE DENTRO DE CASA) — Quem é qui tá í, Chico?

CHICO (GRITANDO) — Né ninguém não. É um home.

NORATA (APARECENDO) — AiC... É o Carolindo!

CALU — Norata! Tu tá qui, muié?!

NORATA — Eu tou, Calu. Dêrna do mês de júio. Meu pai é vaqueiro de seu Curuné Montezumba.

CALU — Hum!.. E ele trouve tu p'ra cá?...

NORATA — Trouve. Seu curuné pediu a meu pai pá trazê eu da Fazenda, mode ajudá as fia dele...

CALU — E tu inda se alembra de quano nós era mais pequeno, Norata?... Qui nós radiava manja im riba do paredão do arçude?...

NORATA — Ora s'eu me alembro! Tai!.. Inté de uma feita eu insurreguei e marguiei na iágua, qui quage morro afo-gada.

CALU — Ai... home! eu se arrecordo. Foi inté meu ti Bastião qui sarvou tu. (OUTRO TOM) Tu bebeu água cumo dianga.

NORATA — Ambom!..

CALU — Qui tempão bom, hein, Norata!..

NORATA — Ó, Ó...

CALU — Qui sordade!..

CHICO (A PARTE) — Igi ele cuma tá dengoso.

CALU — Chega inté dá rontade da gente sambá. Ramo dançá um baião, Norata?

NORATA — E si o povo vinhé e pegá nós nesse forgedo?!

CALU — E adonde tá o povo?

NORATA — Fôrum tudo pá missa.

CALU — Antonce inda demora. Hoje tem selmão. Ramo apor-veitá o tempo, Norata...

NORATA — Apois ramo lá. (PARA O CHICO) Chico, ocê num seja abiúdo. Num rá contá não.

CHICO — Eu num tou rendo nada!..

CALU — Ramo vê, Norata. (CANTAM/"PENSÃO DA MULATA")

Foi grande a felicidade  
Qui eu aqui vim incontrá,  
P'ra matá nossa sordade,  
Ramo, Norata. sambá...

NORATA —

Ninguém nunca deve i contra  
O qui diz as inscritura:  
Inté as pedra s'incontra,  
Qui dirá as criatura.

CALU —

Ai, ai, Norata  
Quando eu te vi,  
Num sei, mulata,  
O que senti.

NORATA —

E eu, Calu  
Dizê num sei,  
Quando vi tu,  
Cuma fiquei.  
(DANÇAM)

CHICO — (A PARTE) Igi ele! . . .

CALU — Norata dos meus pecado  
Mode nós arrelembra  
Nosso tempo já passado  
Um baião ramo dança

NORATA —

Quando eu te avistei, Calu,  
Fiquei toda parpitante,  
Pois eu me esquecer de tu  
Nunca eu pude um só instante.

CALU —

Ai, ai, Norata  
O meu prazê,  
Lindra mulata,  
Num sei dizê.

NORATA —

E eu tomém  
Dizê num sei,  
Num sei, meu bem,  
Cuma fiquei.  
(DANÇAM)

CHICO — Ói esse negoço! . .

#### CENA IV

Os mesmos, Viúva e Zé Mingote.

ZÉ (GRITANDO FORA/E.A.) — Ei! Desça dêreito do carralo,  
sinha dona. Vamicê vai o barro! . . Se agarre n'eu.

NORATA — Vem gente aí. Eu rou p'ra casa. Adeus, Calu.

CALU — Intê nós se vê, Norata.

NORATA — Ramo, Chico. (DIRIGE-SE PARA CASA, E.B./VOLTA-SE PARA OLHAR CALU, QUANDO APARECE A VIÚVA. NORATA SAI COM CHICO)



VIÚVA (DE MONTARIA E REBENQUE, ACOMPANHADA POR ZÉ MINGOTE, QUE CONDUZ DUAS MALOTAS) — Estou arrebatada. Ou viagem incômoda.

ZÉ — Tomém naquele carralo choutão, a gente só farta é butá os bofe pela boca.

VIÚVA (PARA CALU) — Onde reside o Doutor Manduca? É ali? (APONTA E.B.)

CALU — Inhora não. Seu Doutô Manduca mora é acolá. (APONTA D.A.) Aquela casa ali (E.B.) é de seu curuné Montezumba.

VIÚVA (A ZÉ MINGOTE) — Vá perguntar se ele está em casa.

ZÉ — Quem? Seu curuné Montezumba?

VIÚVA — Qui curuné Montezumba! O doutor Manduca. (ZÉ MANGOTE SOBE EM DIREÇÃO A D.A.) Ai, meu Deus. Só o amor, o muito amor que consagro àquele ingrato, me forçaria a fazer esta viagem tão penosa...

ZÉ (GRITANDO À PORTA D. A.) Ou de casa! Seu Doutô Manduca tá?

VOZ (DE DENTRO) Inhor não.

ZÉ (DESCENDO) — Tá não, sinha dona.

CALU — Hoj' é domingo. Tá tudo na missa.

VIÚVA (A ZÉ MINGOTE) — Arranje um cercado para os animais e leve a minha bagagem para a casa da professora. Sabe onde ela mora?

ZÉ — Sei, inhora sim.

VIÚVA — Pois vá. (ZÉ MINGOTE SAI) É preciso esperar pelo Manduca.

CALU — Eu tomém tou aqui atucaiando meu padrim quano vortá da ingreja.

VIÚVA — Pois então... conversemos. Aquela moça que há pouco saiu daqui, é sua mulher?

CALU — Inhora não. Eu sou sorteiro.

VIÚVA — Ah! É solteiro?

CALU — Sou, inhora sim. Sorteirin da Sirva.

VIÚVA — E... num pensou em mudá de estado?

CALU — Mudá d'istado? Inhora não. Da minha famia, inté hoje, ninguém se alembrou de mudá d'istado. Ai, home! Só meu ti Bastião foi qui caiu nessa besteira. Mudou-se pros Almazona, no 15. (1) O papai, apesá da seca sê danisca, num quis i cum ele nem pulo diabo. Dixe qui perferia ficá aqui, imhora cuma jumento, roendo sabugo de mio pelos terreiro.

---

(1) Seca de 1915, fomentadora de célebre emigração cearense rumo ao Norte.

VIÚVA (AFETADAMENTE) — Eu pergunto é se você nunca pensou no casamento, na união sacrossanta de dois entes que mutuamente se atraem, de duas almas que se adoram.

CALU — Nunca, sinha Dona. Por Deus do céu. Eu inda num tenho idade mode pensar nessas coisa. Sou munto menino ainda. Eu nasci isturdia. E mermo, o papai já dixeu qui cum óxílio de seu vigaro, vai butá eu no Suminaro... Dixeu qui eu é de sê é pade.

VIÚVA — Padre?!.. Vai ser padre?! E você terá a vocação precisa, a necessária embocadura?!

CALU — Ói!.. Eu num sei disso não, sinha dona.

VIÚVA — Como é inocente!.. Nunca sentiu, então, atravessar-lhe o peito a seta do Cupido?

CALU — Viuge Maria, sinha dona!.. Eu num cunheço esse sujeito!..

VIÚVA (EM TOM LÍRICO) — Ai, meu Deus! Ele possui o coração virgem! Jamais balbuciou os primeiros arrulhos do amor!..

CALU — Vamicê, vai de viagem?

VIÚVA (DENGOSAMENTE) Vim. Vim ao sertão, em busca do amor... (CANTA) (LUETII)

Ao sertão, eu vim agora  
À procura dos meus amores  
Do homem que est'alma adora  
Com o maior dos ardores.

Por isso é que eu me afadigo  
Em procurar o Manduca,  
Pois ele, ou casa comigo  
Ou eu acabo maluca.

Fico toda radiante,  
Quando o Manduca me fita,  
E o coração, ofegante,  
Bem apressado palpita.

Logo meu peito se abrasa  
Só em pensar no Manduca.  
Ou ele comigo casa  
Ou eu acabo maluca... (DANÇA)

(FALANDO) Vê, portanto, que eu vim ao sertão em busca do amor, ou por outra, à procura do Manduca.

CALU — E qui negoço vamicê tem cum ele?

VIÚVA — É meu noivo. Justou casamento comigo há mais de um ano; veio para aqui, e há muito tempo não me dá sinal de vida.

CALU — Ele é munto macriado! Ind'agurinha quis m'impuiá.

VIÚVA — Vou tirar esta montaria. (A CALU) Faz o favor de ir ensinar-me a casa da professora?

CALU — Inhora, sim. É bem ali.

VIÚVA — Então, vamos lá. (O.T.) Estou moída. Ah! A quanto obriga o amor, — o santo e puro amor!.. (VAI A SAIR)

CALU (SAINDO ATRÁS DA VIÚVA) Ou véia dengosa! (SAEM D.B.)

## CENA V

Manduca e Flora.

(FLORA, JOSEFA, NINITA E MARICOTA VOLTAM DA MISSA, E.A./DESPEDEM-SE D.A. ONDE ENTRA MARICOTA. AS OUTRAS DESCEM E.B. ONDE ENTRAM, PRIMEIRAMENTE, NINITA E JOSEFA.)

MANDUCA (ENTRANDO E.A.) — Psiu! Flora!

FLORA (VOLTANDO-SE) — Estou zangada com o senhor.

MANDUCA — Zangada?! E por que, meu amor?!

FLORA — Pensa que eu não vi?... Em vez de rezar e ouvir a missa com respeito, estava era deitando olhares, e se derretendo para todas as moças que estavam lá...

MANDUCA — Eu?!.. Eu ouvi a missa com a maior contrição. Até rezei, sabe? E se lancei olhares, foi só p'ra ti.

FLORA — Nem ao menos ajoelhou-se na elevação.

MANDUCA — Não! Lá isso não! Ajoelhei-me.

FLORA — Um minuto, apenas. Levantou-se logo. Eu prestei atenção.

MANDUCA (SORRINDO) — Parece até que prestaste mais atenção a mim do que mesmo à missa.

FLORA — O senhor é um fingido, — é um... volúvel.

MANDUCA (À PARTE) — Temos ciúme... (ALTO) Volúvel?! Tu bem sabes, minha filha, que mim não quadra, absolutamente, semelhante qualificativo; pois só a ti, só a ti eu amo, com u'a paixão, que já vai tocando as raias da loucura. De pessoal de saia, crê, só tu existes para mim no mundo.

FLORA — Antes isso fosse verdade.

MANDUCA — É a verdade mais pura e cristalina... É uma cousa... in-so-fis-má-vel.

NINITA (DENTRO DE CASA) — Flora!

FLORA — Ninita está me chamando. Adeus, seu fingido. (VAI A SAIR)

MANDUCA — Até mais logo, meu anjo.

(FLORA ENTRA EM CASA/E.B.)

MANDUCA — É ciumenta como uma leoa!... (SOBE EM DIREÇÃO D.A. / PEDRO REGALADO ENTRA D.B. E ESPRESTA À E.B.)

## CENA VI

Manduca, Pedro e Coronel

CORONEL (ENTRANDO D.B.) (PARA PEDRO) Ei! Que qui qué aí?

PEDRO — Não é nada não senhor. (ESTENDENDO-LHE A MÃO) Como tem passado? (MANDUCA DESCE)

CORONEL (SEM CORRESPONDER) — Cum quem é qu'eu tenho a honra de falá?

PEDRO — Pedro Regalado um seu criado empregado da Estrada de Rodagem.

MANDUCA (APROXIMANDO-SE) — Ah! É cassaco?

PEDRO — Cassaco, não senhor. Cassaco é a denominação dada aos trabalhadores; e eu não sou trabalhador.

MANDUCA — Não?

PEDRO — Não senhor. Sou funcionário.

MANDUCA — Está bem.

CORONEL — E qual'o é a sua função?

PEDRO — Eu sou... auxiliar técnico. Já sei até nivelar.

MANDUCA — Anda, então, por aqui nivelando...

PEDRO — O serviço já está a poucos quilômetros daqui, e eu, uma vez por outra, dou um pulinho até cá.

CORONEL — Ah! É metido a canção... Antonce uma vez por outra dá um pulinho?...

PEDRO — Dou. Eu já arranjei até duas namoradas aqui na Vila.

MANDUCA — Sim?

CORONEL — Duas?

PEDRO — Vealá!.. Uma é a professora. Do sexo misto, sabe?

MANDUCA — Do ensino misto, não?

PEDRO — Perfeitamente. Do ensino do sexo misto.

MANDUCA (RINDO-SE) — Ou neutro. É a mesma cousa.

PEDRO — Entretive, anteontem, uma palestrazinha com ela, depois da novena. Conversação agradável... Inteligente, sabe? É preparada. É supimpa! E não retiro a expressão: su...pimpa!

MAN. e CEL. — Sim, senhor.

PEDRO — Ficou logo apaixonada por mim. Lançou-me, ao despedir-se, um olharzinho tão lânguido, tão terno, tão doce, acompanhado de um sorrizinho encantador. É supimpa!

CORONEL — A professora nós sabe. É acolá. (APONTA D.B.)  
 PEDRO — Pois a outra é bem ali. (APONTA E.B.)  
 AMBOS — Ali? (PEDRO BALANÇA A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE)

CORONEL — (A PARTE) Ora essa!...

MANDUCA — (A PARTE) Será a Flora?

CORONEL — Num haverá ingano nisso não, seu moço?

PEDRO — Não senhor. Acompanhei-a ontem, depois da novena, sabe? Entrou ali. Eu vi.

CORONEL (SÉRIO) — E esse namoro já vai adiantado?

PEDRO — Já. Já vai bem adiantado. Vai de vento em popa. Eu sou assim, sabe? É de galope. Está loucamente apaixonada por mim. Vê-se logo. Só falta engulir-me com os olhos. O pai, eu já indaguei, tem um nomezinho assim esquisito. Zabumba... Catacumba...

CORONEL — Montezumba, não?

PEDRO — Isso mesmo. O senhor conhece o homem de perto?

CORONEL — Cunheço.

MANDUCA — Muito de perto.

CORONEL (VAI À PORTA E CHAMA) — Ninita! Zefa! Fulora!

PEDRO — O que é isto? Não chame as moças. Deixe p'ra depois. (APARECEM)

## CENA VII

Os mesmos, Flora, Zefa e Ninita, depois Chico

CORONEL — Meninas, este senhor, Pedro Arregalado, acaba de se garvá c'uma uã de voceis tá apaixonada por ele.

FLORA (ESPANTADA) — Uma de nós?... Apaixonada por ele? (OLHAM-SE UMA PARA AS OUTRAS) O que, doido!

ZEFA — Eu, por mim, num fiz reparo nesse senhor.

NINITA — Nem eu. Nunca o vi mais gordo.

MANDUCA (BAIXO A PEDRO) — Qual das três é a sua apaixonada?

PEDRO — Eu vou ali... Um negócio urgente, já volto.

CORONEL (PEGANDO-O POR UM BRAÇO) Venha cá. Responda.

PEDRO (BAIXO) — É aquela do meio. (A PARTE) É supimpa!

CORONEL — Fulora, diz este calunga qui é vamicê a namorada dele.

FLORA — Eu? Que sujeito!

MANDUCA (PASSANDO) — E contou-nos há pouco que estavas doidinha por ele; que só o faltavas engulir com os olhos.

FLORA (BAIXO, A MANDUCA) — E tu acreditaste nisso?... (DIRIGINDO-SE A PEDRO) O senhor é um mentiroso...

PEDRO — Senhorita, eu...

FLORA (CONTINUANDO) Um gabarola cínico.

CORONEL — Meninas, vão lá p'ra dentro.

(OLHAM SEVERAMENTE PARA PEDRO E SAEM E.B.)

MANDUCA (BAIXO, A PEDRO) — Seu coisa, essa moça vai ser minha noiva e...

PEDRO (ATRAPALHADO) — Su..su..sua noiva? Ou diabo!  
(QUER SAIR)

CORONEL (SEGURANDO-O) — Seu Arregalado, o curuné Montezumba sou eu, e aquela moça é minha fia e...

PEDRO — Su..su..sua filha?!... Eu já volto.

CORONEL (PEGANDO-O) — Pére aí.

MANDUCA — E o senhor é, realmente, um canalha. Perfeitamente! Perfeitamente.

CORONEL — Não venha se metê em anivelamento cá por esta zona qui você sai é anivelado. Leva uma sovinha... su-pimpa, sabe?

PEDRO — Eu vou ali. Passar bem. (QUER SAIR)

MANDUCA (SEGURANDO-O) — Seu Regalado, é preciso andar muito direitinho cá pelo sertão.

CORONEL — Arregale bem os óio, seu Arregalado! Senão acaba tomando uma surra de pau qui é mêmno um arregalo, um arregalóro. O meno qui le pode acontecê é vortá prú Ceará (2) c'as costela quebrada e uma ureia de meno. Tá avisado, hein? Mando desaucá-lo a cacete.

PEDRO (VEXADO) — Sim, senhor. Muito obrigado. Estimei conhecê-los. (SAI APRESSADAMENTE E.A.)

MANDUCA (RINDO-SE) — Aquele não se mete noutra.

CORONEL — E se se metê... come lenha.

CHICO (ENTRANDO E.B.) Seu curuné as menina tá chamando seu curuné pr'armocá.

CORONEL — É sévido armocá, seu Doutô?

MANDUCA — Obrigado, Coronel.

CORONEL — Num faça cérimonha.

MANDUCA — Não senhor. Muito obrigado. Vou à casa do Juiz de Direito fazer-lhe uma visita de cortesia.

CORONEL — Antonce, inté adispóis.

MANDUCA — Até ao depois, coronel.

(SAEM: CORONEL E.B. E MANDUCA D.B.)

---

(2) Veja comentário n.º 7/"A Ballarina".

## CENA VIII

### Calu

CALU (ENTRANDO D. B.) — Ou véia pau! Cum tanta cunvéisa besta. (O. TOM) Meu padrim já tará im casa?... Só ele mêrmo é qui pode valê eu neste avéxame. Tou metido num cipoal dos seiscentos! Fui assorteadado... Mais o dimonho é quem vai lá; o dimonho é quem vai sê sordado. É uma vida munto da rúim. Eu num gosto nem de vê arma de fogo, quanto mais i brigá nas guerra... Havéra de sê inté ingraçado. Eu acho qui logo no premêro arranco, o carreirão qu'eu dava num era desse mundo. A mamãe, quano teve nutiça, butou as mão na cabeça e abriu a boca no mundo. (ARREMEDANDO-A): "Tadim do meu fio! Tão menino ainda e já i pas guerra. Ai, meu Deus qu'aflição!.." Aí, papai chamou eu de parte e dixeu assim: "Calu, só teu padrim, seu curuné Montezumba, pode valê tu. Vai falá cum ele". E eu rim. Né possive qu'ele num dê um jeito nesse negoço. To-mém, ou ele dá um jeito, ou eu ganho o ôco do mundo, qui num hai cristão qui mi pegue. Eu nem sei si meu padrim inda se alembrará d'eu. Eu passo às vez uma poção de tempo qui num boto os óio im riba dele... Quano ele prgunta: "Quem é vamicê e o qui pretende?", eu vou logo disbuiando a minha históra:

(CANTA) (PARA TODOS)

Eu me chamo Calorindo.  
Cassuou comigo... chia!  
Sou fio do Fulôrindo (Bis)  
San cristão da Fréguesia.  
Ai, ai! ai!

Fui agora assorteadado,  
Tou danado. Ist'é lá terra.  
Eu num quero sê sordado, (Bis)  
Eu num vou pras guerra!

Cum tal negoço  
Eu cá num posso!  
Toda menhã:  
Rataplan! Rataplan! (Bis)

É mió cedo,  
Ganhá o brêdo...  
Olá si é!..  
Oleré! Olerá! (Bis)

CALU —

Eu num vou pra isso não!  
Num me meto no banzeiro.  
É mió sê sancristão (Bis)  
Ou antonce sê vaqueiro.

Ai, ai! ai!  
É arriculuta assim  
Cada qual mais injambrado.  
Vim pedi a meu padrim (Bis)  
Pra num sê sordado.

Cum tal negoço,  
Eu cá num posso!  
Toda menhã:  
Rataplan! Rataplan! (Bis)

É mió cedo,  
Ganhá o brêdo...  
Olá! Si é!...  
Oleré! Oleré! (Bis) (DANÇA)

É isto. (OLHANDO D.B.) Lá vem o doutozim cabuloso.  
Vou m'imbora. Ai, home. E nem falei cum meu padrim. Só  
vortando adispois. (VAI A SAIR E.A.)

MANDUCA (ENTRANDO D.B.) Ei, moço! Venha cá! Já achou seu  
padrim?  
(CALU FAZ-LHE UMA CARETA E SAI E.A.)

## CENA IX

Manduca e a Viúva.

MANDUCA (RINDO-SE) — Está enquizilado comigo o tal chirimbabo.

VIÚVA (ENTRANDO D.B.) — Ai, Manduca idolatrado!

MANDUCA (VOLTANDO-SE, SURPRESO) — Marcionília! És tu mesmo?! Tu não tinhas morrido, desgraçada?! (3)

VIÚVA — Longe vá o teu agouro, Manduca.

MANDUCA — Mas o Astro escreveu-me, comunicando a tua morte!

VIÚVA — Aquilo é homem atentado! E tu não viste logo que era caçoada dele, Manduca?!

MANDUCA — Caçoada! Então, estais viva!

---

(3) Referência baseada em fato da peça "A Bailarina"; ou seja, o recebimento por Elisiário de uma carta relatando a morte de Marcionília, sua noiva



VIÚVA — E forte. Com duas séries de injeção de soro, fiquei outra.

MANDUCA — Afigura-se-me isto um sonho? ou melhor direi, um pesadelo horrível!

VIÚVA — Ingrato! Nunca mais escreveu, nem ao menos uma linhazinha saudosa, à sua Massuzinha, que o não esquecia um só instante...

MANDUCA — Mas eu te julgava no outro mundo. E para lá o Correio não expede malas, que me conste.

VIÚVA — Depois de esperar, de balde, notícias tuas, com o coração cheio de aflição, resolvi vir procurar-te ao sertão, fazendo uma viagem terrivelmente dificultosa. Cai duas vezes do cavalo. Quase quebro o espinhaço...

MANDUCA (A PARTE) — E não morreu!..

VIÚVA — Ai, Manduca! Só o amor, só o amor, é capaz dessas violências!...

MANDUCA — Não devias ter vindo, sabe?..

VIÚVA — Não devia ter vindo?! E o matrimônio?

MANDUCA (EM TOM DISTRAÍDO) — Ah! O matrimônio?!

VIÚVA (COM DENGUICE) Sim. As nossas doces e inefáveis bodas... Quando chegará esse momento auspicioso para minh'alma!..

MANDUCA — Não sei, por enquanto. (O. TOM) Acho conveniente voltares à Fortaleza, sabe? Depois eu irei.

VIÚVA — Sem me ver unida ao homem dos meus sonhos, pelos santos indissolúveis laços do himineu?! Nunca, jamais!

MANDUCA (A PARTE) — Ah, estafermo!

VIÚVA — Que dizes, meu anjo?

MANDUCA — Nada, coração. Nada. (A PARTE) Raios te a partam.

VIÚVA — Parece que não estais contente, Manduca, vendo-me a teu lado, pudibunda e carinhosa como a rola juriti!..

MANDUCA (COM SARCASMO) — Estou; estou muito contente. Não estais vendo?! (A PARTE) Os diabos te levem!...

VIÚVA — Estais tão frio...

MANDUCA — Não é propriamente frio, sabe? É frapé... Uma surpresa assim... inesperada!...

VIÚVA — As saudades me alanceavam o peito...

MANDUCA — Mas para que te abalançaste a uma viagem tão incômoda? Deves estar estafada!...

VIÚVA — Estou, realmente, fatigadíssima.

MANDUCA — E onde estais hospedada?

VIÚVA — Em casa da professora, que é filha de uma minha amiga. O pudor impediu-me de procurar agasalho sob o mesmo teto do meu adorado noivo.

MANDUCA — Fizeste bem. Obraste como quem tem juízo. Haviam de reparar, sabe? Há línguas muito afiadas por aqui...  
(O. TOM) Mas... vai descansar um pouco. Depois de uma viagem destas, é preciso repouso. Vai descansar. Vai.

VIÚVA (A PARTE) — Quanta solicitude!.. Como ele me adora!  
(SUSPIRANDO) Ai! Ai!

MANDUCA — Vai. (O. TOM) Ah! Recomendo-te uma cousa: Não digas, absolutamente, a ninguém, que és minha noiva.

VIÚVA — Mas por quê?

MANDUCA — Depois te explicarei. Segredo no caso, heim?!

VIÚVA — Pois sim, Manduca. Até mais logo, meu anjo. (VAI A SAIR D.B., VOLTA-SE PARA MANDUCA E SUSPIRA)  
Ai! Ai! (SAI)

MANDUCA (SÓ/DEPOIS DE ACOMPANHÁ-LA COM A VISTA; ARREMEDANDO-A) Ai! Ai! Quando suspira parece mesmo uma baleia arrotando. (O. T.) É preciso descartar-me quanto antes do diabo dessa velha. Mas o que fazer?! Se descobrem este amaldiçoado noivado, fico coberto de ridículo. E se Flora vem a saber?! Deus nos livre!.. Nem pensar nisso é bom!... (O. T.) Perdi até o apetite para o almoço. (SOBE E ENTRA D.A.) (APARECE FLORA A JANELA E.B.)

## CENA X

Calu e Flora.

CALU (ENTRANDO D.B.) (A PARTE, VENDENDO FLORA A JANELA) Ou moção famosa!...

FLORA (SAINDO) — Deseja alguma cousa?

CALU (APROXIMANDO-SE) — Menina... eu sou afiado de meu padrim...

FLORA — Sim?

CALU — É cuma le digo.

FLORA — E quem é seu padrinho?

CALU — Seu curuné Montezumba.

FLORA — Ah! É meu pai?

CALU — É, inhora sim. Eu sou fio do Fulôrindo Sancristão. Fui assorteadado e vim pedi a potreção de meu padrim, mode num sê arriculuta.

FLORA — Não quer então ser soldado?

CALU — Inhora não. Eu num dou pr'isso não. Eu sou munto mofino. Pur quarqué coisinha, eu tou logo tremendo.

FLORA — Vem, então, pedir a meu pai...

CALU — Pr'ele dá um jeito nisso. E se a menina adjitorasse o negoço, eu acho qui meu padrim sastifazia logo.

FLORA — É melhor o senhor entender-se com ele mesmo. Vou chamá-lo. (ENTRA EM CASA. E.B.)  
CALU (OLHANDO-A SAIR) — Grande moção murita. Xeu num fosse tão acanhado... eu acho qui...

## CENA XI

Calu, Florindo e Coronel

FLORINDO (ENTRANDO D.B.) Já falou c'ò nome?!..  
CALU (VOLTANDO-SE ASSUSTADO) — Inhor não.  
FLORINDO — Cuma?  
CALU (GRITANDO) — Inhor não. Papai cada vez tá mais mouco.  
FLORINDO — Oco?  
CALU (GRITANDO) — Mou..co!..  
FLORINDO ! Quando Deus Noss'Sinhô me tirou as oiça foi pra mode num uvi tuas besteira... (PASSA)  
CORONEL (ENTRANDO E.B.) — Oh, cumpade Fulorindo! Pur aqui?... Qui arma se salvou-se hoje?!  
FLORINDO — Vim le fazê um pedido, meu cumpade. (PARA CALU) Calu, toma a benção a teu padrim.  
CORONEL — Ah! É o Calorindo?! Tá um rapaizão!..  
CALU (PASSA ESTIRANDO A MÃO) Sua benção, meu padrim.  
CORONEL — Deus dê a tu muntos ano de vida, Calu. (PARA FLORINDO) Mais porém, de que se trata, cumpade?  
FLORINDO — É qui esse menino, cumpade, foi assorteadado. E eu rim me valê de vamicê mode excruí ele da listra.  
CORONEL — E praque ele num vai c'òs outro, sê sordado?...  
CALU — Eu num quero i não. O dimonho é quem qué...  
FLORINDO — Ele é munto bobo, cumpade. Só tem é tamanho. Vamicê vê esse varapau, assim; é besta como aruá.  
CALU (À PARTE) — Niss'eu puxei a ele!..  
CORONEL — Apois eu vou fazê o possive. Tá um tanto dificultoso...  
FLORINDO — Ora... o cumpade, querendo, arruma tudo.  
CORONEL — Tomém num é assim não, cumpade. (VOLTANDO-SE PARA CALU) Quanto ano tu já tem, Calu?..  
CALU — Eu mêrmo nem sei. É um mucado.  
FLORINDO — Vai entrá nos 21, cumpade; mais porém, é mêrmo qui tê 12. É um bestaião.  
CALU (À PARTE) — Dois cum véio...  
CORONEL — Apois é perciso fazê dele inleitô.  
FLORINDO — S'ele já casou?...  
CORONEL — Qual casou, home! Eu tou dizendo é qui perciso alistrá ele inleitô.  
FLORINDO — Ele é munto inorante, cumpade. É munto brôco.  
CALU (À PARTE) — Assim é qui é bom!..

- FLORINDO — É um chamurro. Teve na inscola u'a poção de tempo e mal sabe ferrá o nome. Vamicê pegue uma barata, móle as perna dela de tinta e sorte em riba de um papé, qui ela inscreve mió do que ele.
- CORONEL — Apois abasta isso, home. Tomém se pra sê inleito fosse perciso a gente sabê inscrevê, num se alistava era ninguém.
- FLORINDO — Lá isso é veldade, cumpade.
- CORONEL — Quantos fio ocê teve, cumpade?
- FLORINDO — Ói? Lá a muié já teve duzoito.
- CORONEL — Ôrra diabo! Só rato!..
- CALU (ENTROMETENDO-SE — Ou antonce preá.
- FLORINDO — Cal'essa boca, menino. Num te intromete um cunvéisa de gente grande! Cala a boca!
- CALU — Eu já tou calado.
- FLORINDO (DESPEDINDO-SE) — Apois, cumpade, inté adispois. Eu inspero qui vamicê arrume esse negoço.
- CORONEL — Quano eu promêto uma cousa, ocê sabe; é mêrmo qui tá vendo. Só se de todo num fô possive.
- FLORINDO — Apois, adeus. (PARA CALU) Ramo, menino; toma a benção a teu padrim.
- CALU (DE BRAÇO ESTIRADO) — A sua benção, meu padrim.
- CORONEL — Deus te faça feliz.  
(FLORINDO E CALU SAEM A D. B.)
- CORONEL (SÓ) — Ou galanjão abestaiado. Aquilo tanto tem de grandaião cuma de jumento. (ENTRA EM CASA E. B.)

## CENA XII

Manduca, Flora e depois a Viúva.

- MANDUCA (SÓ) (DESCE D. A.) — Por mais que puxe pelo bestunto, não encontrei ainda um plano para ver-me livre do demônio da viúva. Não sei mesmo como me possa safar de tal encrenca...
- FLORA (APARECENDO E. B.) — Está muito abstrato hoje, sr. Doutor!..
- MANDUCA (VOLTANDO-SE) Oh! Flora!
- FLORA (APROXIMANDO-SE) — Em que pensa?
- MANDUCA — No nosso amor. (PEGA-LHE NAS MÃOS)
- VIÚVA (APARECENDO A D. B.) — Manduca!
- MANDUCA (À PARTE) — Bonito!.. É agora!
- FLORA — Quem é aquela velha tão gaiata?
- MANDUCA — Fala baixo. Tu não conheces não... É... é uma tia minha.
- FLORA — Ah! É sua tia?
- MANDUCA — É. Chegou hoje da Capital. Veio tomar ares.

VIÚVA (IMPERIOSA) — Manduca!

MANDUCA — Vai p'ra casa, que eu vou ver o que ela quer. É enfesada p'ra burro!..

VIÚVA (BATENDO O PÉ) — Manduca!

MANDUCA (ABORRECIDO) — Já vou. (APROXIMANDO-SE) O que é que tu queres? (DISFARÇADAMENTE FAZ SINAL A FLORA PARA ENTRAR EM CASA, MAS ESTA, EM VEZ DE OBEDECER, ACENA, PELA JANELA, AS IRMAS, CHAMANDO-AS)

VIÚVA — Quem é aquela sirigaita?. ..

MANDUCA — Fala baixo. E... é minha irmã...

VIÚVA — Ah! E tua irmã?.. E até engraçadinha!... (APARECEM ZEFA E NINITA) Apresenta-me a ela e aquelas outras moças. Quero conhece-las. (MARIKOTA APARECE A PORTA D.A. E NINITA ACENA CHAMANDO-A. MARIKOTA DESCE)

MANDUCA (BAIXO) — Não. Tem paciência. Hoje, não. Deixa p'ra depois.

VIÚVA — P'ra depois?! E p'ra já. Vamos; senão eu mesmo me dirijo a elas.

MANDUCA (BAIXO) — Eu te apresento, Massu; mas por Deus, não digas que és minha noiva.

VIÚVA — Por que?...

MANDUCA — Porque... porque... é uma surpresa que eu estou preparando, sabe? Depois eu te explico tudo.

VIÚVA — Pois vamos lá. Faça a apresentação.

MANDUCA — Meninas! (ESTAS SE APROXIMAM) Apresento-lhes a viúva Marcionista Gurjão, recém-chegada da Capital do Estado, em cujos salões é figura obrigada.

VIÚVA (COM UMA MESURA) — Muito folgo em conhecê-las, meninas!

FLORA — Obrigada.

AS OUTRAS — Da mesma forma.

CORONEL (APARECENDO A PORTA E.B. E VENDO A VIÚVA, CHAMA O DOUTOR) Ei! Seu Doutô! Seu Doutô! (MANDUCA APROXIMA-SE/PERGUNTA-LHE EM VOZ BAIXA) Quem é aquela macaca enfeitada?...

MANDUCA (ALTO) — É a viúva Gurjão.

CORONEL (ALTO) — Ah! É a véuva Gurjão?

MANDUCA — É. É a criadora do muidinho.

TODOS — Muidinho?!

VIÚVA — Sim, senhoritas, a dança da moda, por mim introduzida nos principais salões de Fortaleza. Apreciem! (DANÇA E DEPOIS CANTA) (ALMOFADINHA)

Eu sou viúva elegante  
Esplendorosa e faceira.  
Das danças, eu sou amante,  
Requebro, desta maneira...

CORO —

El' é viúva elegante  
Esplendorosa e faceira  
Das danças, el' é amante,  
Requebra desta maneira...  
(DANÇAM)

VIÚVA —

Chamo atenção quando passo,  
Assim, gentil e dengosa  
Com todo o desembaraço,  
Pisando, assim, donairoso.

CORO —

Chama atenção, quando passa,  
Assim gentil e dengosa,  
Com todo o desembaraço,  
Pisando, assim, donairoso. . .  
(DANÇAM)

Fim do 1.º ato  
25/outubro/1920



JOSÉ DOMINGOS: ator do Grêmio Dramático Familiar

## SEGUNDO ATO

(O MESMO CENÁRIO)

### CENA I

Manduca.

MANDUCA (ENTRANDO DA D. B.) — Felizmente já consegui vencer ao demônio da viúva, que deve regressar, quanto antes, à Fortaleza. Deixei-a se preparando para partir. Deu-me um trabalhão convencê-la. Fez cenas do Arco da Velha!... Choromingava, coitadinha; como uma criancinha a quem se tira o bico da mamadeira!... Toda cheia de denguiçe, fazendo beicinho!.. Ai, meu Deus! (MUDANDO DE ENTONAÇÃO) Foi preciso persuadi-la de que, no fim do mês, eu estaria na Capital para efetuarmos... (ARREMEDANDO-A) as nossas doces e inefáveis bodas, como ela chama. Eu tenho é vontade de quebrar-lhe a cabeça com uma pedra de calçamento, (OUTRO TOM) — é porque não tem calçamento, — quando me lembro que, seduzido pelo maldito dinheiro, pensei em casar-me com aquela velha patusca!... (AMEAÇANDO COM A MÃO) Ah! Mas deixa-te estar, viúva de uma figa, que eu hei de passar-te um bluf em regra! (HONORATA APARECE E. B. EM DIREÇÃO D. B.)

### CENA II

Manduca e Norata

MANDUCA (ATALHANDO) — Oh! Norata! Cada vez mais bonita!

NORATA — Deixe de prosa, seu moço. Vamicê já começa!..

MANDUCA — Vem cá. Não sejas intratável!

NORATA — Deix'eu passá, seu moço. Eu rou avéxada. (QUER PASSAR E MANDUCA IMPEDE-A)

MANDUCA — E onde vais com tanta pressa?

NORATA — Vou na casa de seu Fulorindo Sancristão. Seu curuné Montezumba mandou qu'eu dixesse a ele, qui j'arrumou pro Calu num sê sordado.

MANDUCA — E quem é Calu, no rol dos irracionais?



NORATA — É fio de seu Fulorindo, e afiado de seu curuné Montezumba.

MANDUCA — Ah! Deve ser, então, um idiota que encontrei ontem aqui, à procura do padrinho.

NORATA — Indiota, inhor não. É um menino munto do séro, qui num véve cum gaiateza cuma o sinhô.

MANDUCA — Deixa de rompantes, Honorata! . . . Não sei porque, eu simpatizo com esse teu tipo rubicundo.

NORATA — Te esconjuro, canhoto! Tipo arribicundo é ele. (RESOLUTA) Deix'eu passá.

MANDUCA (TRAZENDO-A PARA A BOCA DE CENA) Não. Vem cá. Ouve-me. (CANTA)

Não sei porque,  
Quando eu te vejo,  
Sinto o desejo  
De dar-te um beijo.

NORATA —

Tenho sobrosso . . .  
Nem pense nisso.  
Saiba, seu moço,  
Eu num sou disso . . .

MANDUCA —

Explicar eu nem sei o que sinto,  
Quando avisto o teu vulto roliço.  
Podes crer, rapariga, não minto,  
Só parece que fazes feitiço . . .

NORATA —

Vá s'imbora, seu moço, me deixe.  
Nunca vi tão medonho aperreio! . . .  
Adispois . . . adispois num se queixe . . .  
Eu num quero sabê de paleio.

MANDUCA —

Ó tentação,  
Bela matuta,  
Vem cá. Me asculta  
O coração . . .

NORATA —

Deixe de manha,  
De danação,  
Senão apanha  
Um moxição! . . .

MANDUCA —

Eu te quero ensinar a dançar  
Um maxixe turuna e batuta.  
Se o dançares, tu hás de gostar,  
Minha linda e dengosa matuta! . . .

NORATA —

Sou matuta, mas tenho tenença,  
Num sou disso, seu moço, já dixei.  
Eu num sou o que vamicê pensa,  
Eu num quero sabê de maxixe.

MANDUCA —

Ó tentação!  
Bela matuta,  
Vem cá. Me ascolta  
O coração...

NORATA —

Tenho sobrosso...  
Nem pense nisso  
Saiba, seu moço,  
Eu num sou disso...

(FLORA APARECE ANTES DE FINDAR O CANTO)

### CENA III

Manduca, Honorata e Flora

FLORA (SARCASTICAMENTE) — Muito bem! Está animado o idílio!...

MANDUCA (DESCORÇOADO) Oh! Flora! Estavas aí?!

FLORA — Continuem. Sem cerimônia. Incomoda-os a minha presença?... Querem que eu me retire?...

MANDUCA — Mas o que pensas tu, Flora?...

FLORA (ALTIVA) — Eu não penso nada, senhor. Meu pai é que deve pensar alguma cousa, quando souber dessa afuncação do senhor com a filha do vaqueiro.

MANDUCA — Mas isto é uma brincadeira...

FLORA — É. É uma brincadeira. O senhor emprega o seu tempo nessas brincadeiras inocentes... São inocentes, não são?

MANDUCA — Naturalmente. E tu o duvidas?!

FLORA (SARCASTICA) — Não. Eu sei que a inocência, nos tempos que correm, anda muito desavergonhada...

MANDUCA (À PARTE) — Eu ando caipora; não há dúvida!...

FLORA (PARA NORATA) — E tu, vais voltar p'ra Fazenda. Vou escrever, hoje mesmo, a teu pai, para vir buscar-te. E hei de contar a ele o teu descaramento...

NORATA (DE OLHOS BAIXOS, CHOROMINGANDO) — Eu nun... num... tenho curpa, in...inhora, não. É esse... é esse moço, qui só véve, ma... malinando cum eu. Toda... toda vez, qui vê eu, vem... vem cum palêi pro meu lado. Tá!

FLORA — Com paleio, hein?!

NORATA — Cum... Cum palêi, inhora sim. Dixe qui...qui quando vê eu, qui...qui tem von...vontade de dá um... beijo n'eu. Tá!

FLORA — E deu-te ?

NORATA — Ele.. ele era baixo! Eu dava.. eu.. eu dava uma tapa nele, qui... qui nunca mais ele... ele beijará ninguém.

MANDUCA (SUPLICANTE) — Flora!...

FLORA — Vá embora, senhor. Por favor; vá embora.

NORATA — Ele inté qui...quiria, pro...pro fina força, ensiná eu a...a dançá maxixe. Tá!

FLORA — Maxixe?!

NORATA — Ma...ma...xixe, inhora sim. Ele é munto is...isbilotado.

FLORA — Vai lá p'ra casa.

NORATA — Eu vou le...levá um...um recado de seu cu...curuné, a seu... a seu... Fu... Fulatorindo San... Sancristão.

FLORA — Pois vai. (NORATA SAI SOLUÇANDO D.B.) (FLORA DIRIGE-SE PARA CASA E.B.)

MANDUCA — Flora, ouve-me, por Deus!...

FLORA (VOLTANDO-SE ARREBATADAMENTE) Não manche o nome de Deus, senhor, com os seus lábios impuros!.. (ENTRA EM CASA)

MANDUCA (SÓ) — Que geniozinho! Safa! (O. TOM) Eu mesmo ando caipora!... Persegue-me uma urucubaca de mil demônios!.. (PEQUENA PAUSA) E cada vez me sinto mais apaixonado por este tigre de saias!.. Parece-me que enfurecida, ainda é mais formosa!.. Estou metido num terrível dilema. ou caso-me com essa fera, ou morro de desespero!. (SAI ARREBATADAMENTE E.A.)

## CENA IV

### Viúva e Coronel

VIÚVA (ENTRA, OLHANDO EM TORNO) — Onde andaré o Manduca?... (PEQUENA PAUSA) Felizmente já consegui que ele marcasse o dia do casamento. É no fim do mês, no dia 30. Hoje, são seis; seis para trinta, vinte e quatro. Faltam 24 dias! 24 dias, apenas!.. (LEVANDO A MÃO AO SEIO E ELEVANDO OS OLHOS AOS CÉUS) Oh! Meu Deus! Como o coração bate apressado!..

CORONEL (ENTRANDO E.B./A PARTE) — Quê qui andaré fazendo pur aqui ess'alma penada!...

VIÚVA (VENDO-O) Oh! Coronel! Como vai o senhor?

CORONEL (APROXIMANDO-SE) Num vou talvez tão bem como vamicê, mas vamo indo, na graça de Deus. (TIRA O CHAPÉU)

VIÚVA — E a sua senhora, como passa?!..

CORONEL — Qui senhora?! . . .

VIÚVA — A sua excelentíssima esposa.

CORONEL — Ah! A minha inceletíssima insposa há munto tempo qui já é cum Deus.

VIÚVA — É então viúvo, como eu? (CORONEL GESTICULA COM A CABEÇA, AFIRMATIVAMENTE). E porque não procura uma companheira para a sua vida, coronel? O senhor está moço ainda. Bem conservado.

CORONEL — Quáo bem consêrvado! Eu já dei o pregu. Tou iscan-gaiado.

VIÚVA — É modéstia! . . .

CORONEL — Qual modéstia!

VIÚVA — É sim. O senhor devia casar outra vez.

CORONEL — Casá? Só se fô c'a simitumba. Eu tou cuma banana qui já deu o cacho. Daqui. . pa cova.

VIÚVA — Pois eu vou casar-me. Este mês ainda, sabe?... com um moço que é louco por mim.

CORONEL (À PARTE, PARA O PÚBLICO) — Ora, ocês já virum?! Carrapato cum tosse! . . .

VIÚVA — E o meu noivo tem diante de si um grande futuro. . .

CORONEL — E fortuna? Tomém terá?

VIÚVA — De certo. Com o talento de que dispõe, espero vê-lo, muito em breve, feito Juiz de Direito.

CORONEL (COM POUCO CASO) — Tá bom. . . Fortuna de Juiz de Direito é livro véio. . .

(FLORA APARECE À JANEJA) Flora, anda cá. (FLORA ENTRA EM CENA) Fica aqui convêisando com essa Dona, qui eu tenho o qui fazê. Vou pa casa da Cambra. Inté adis-pois.

VIÚVA (ACENANDO COM AS PONTAS DOS DEDOS) Passar bem, Coronel.

CORONEL (SAINDO) — Grande véia ispivitada! . . . (SAI)

## CENA V

Viúva, Flora e depois Zefa, Ninita, Maricota e Honorata.

VIÚVA — Pode dar-me notícias de seu irmão, senhorita? . . .

FLORA (ESTUPEFACTA) — De meu irmão?!

VIÚVA — Sim. Do Manduca.

FLORA — Eu não sou irmã dele.

VIÚVA (ADMIRADA) — Não é?!

FLORA — Não. E se o fosse, a senhora seria minha tia.

VIÚVA — Sua tia?! Eu?!

FLORA — Sim. A senhora não é tia dele?

VIÚVA — Eu?! Eu não.

FLORA — Pois ele me disse ontem que a senhora era tia dele, e que tinha vindo ao sertão tomar ares.

VIÚVA — E a mim ele disse que você era sua irmã.  
 FLORA — É de engraçado que ele é.  
 VIÚVA — Então você não é irmã do Manduca?  
 FLORA — E a senhora, não é sua tia?  
 VIÚVA — Qual tia!... Eu sou... sua noiva.  
 FLORA (ALVOROÇADA) — Sua noiva?! A senhora é noiva do Manduca?!

VIÚVA — E vamos casar no dia 30 deste mês. Eu já fiz as contas! Faltam 24 dias apenas!. É um anjo! Foi hoje pela manhã procurar-me, e ele próprio marcou o grande dia.

FLORÁ (CONSIGO MESMA) É inaudito!... (CHAMANDO AS IRMÃS, ALVOROÇADAMENTE) — Zefa! Ninita! (ESTAS APARECEM)

AMBAS — O que foi, Flora?!

FLORA (COM SARCASMO) — Venham conhecer a noiva do sr. Doutor Manduca. (APRESENTANDO-AS À VIÚVA)

ZEFA (ESPANTADA) — Noiva do Dr. Manduca?! Credo!

NINITA — A senhora?! Voute!

VIÚVA — Sim, senhoritas. Dei-lhe esta honra.

ZEFA (À PARTE) — É lá possível isto?!

FLORA — Ninita, vai chamar a Maricota.  
 (NINITA SAI D.A.)

VIÚVA (À PARTE) — Estão mortas de inveja!...

NINITA (CHAMANDO À PORTA) — Maricota, vem cá depressa.

MARICOTA (APARECENDO) — O que é, Ninita?  
 (NINITA APONTA)

FLORA (ACENANDO-LHE) — Maricota! (ESTA DESCE) Apresento-lhe sua futura cunhada.

MARICOTA (SURPRESA) — Minha futura cunhada?! Essa?!

NINITA — Sim. Vai casar com o Manduca.

MARICOTA — É brincadeira de vocês!

VIÚVA — Brincadeira, não, senhorita.  
 (HONORATA APARECE D.B. E DIRIGE-SE PARA CASA)

MARICOTA — Eu lá posso crer em semelhante absurdo!

FLORA (PEGANDO HONORATA PELO BRAÇO) — Eis aqui outra apaixonada, do senhor Dr. Manduca! A Honorata, filha do vaqueiro de meu pai.  
 (HONORATA FICA DE OLHOS BAIXOS)

VIÚVA — Apaixonada do Manduca?! Esta?! Não acredito. A única apaixonada do Manduca é a dóia... (BATE NO PEITO)

NINITA — Qui quando não canta, abóia... .

FLORA — Há poucos momentos, peguei-os aqui num namoro fer-rado!

NORATA (À FLORA) — Foi ele, sinha Dona. Vamicê bem qui vio. Eu num faço causo dele pra nada!...

FLORA — A que está reduzido o senhor Dr. Manduca! Até a Honorata não faz caso dele pra nada!

TODAS (EXCEÇÃO DA VIÚVA) — Na verdade! . . .

VIÚVA — Não admito que anarquizem o meu noivo.

FLORA — Honorata, conta aqui a esta senhora o que se passou há pouco.

NORATA (DE OLHOS NO CHÃO) — Não, sinha Dona. Eu tenho acanhção. Tanta gente! Vamicê já sabe.

FLORA — Conta, senão vai hoje mesmo pra Fazenda. Já mandei chamar teu pai.

NORATA — Apois eu conto. (CERCAM-NA)

FLORA — O que foi que te disse o Dr. Manduca?!

NORATA — Dixe qui toda vez qui via eu, qui tem vontade de dá um beijo n'eu.

FLORA (PARA A VIÚVA) — Está ouvindo? . . .

NINITA — Que pouca vergonha! . . .

FLORA — E depois? . . . O que foi que ele te quis ensinar?

NORATA — Quis, pro fina força, ensiná eu a dança maxixe.

FLORA (PARA A VIÚVA) — Está ouvindo a senhora? (PASSA)

VIÚVA (FURIOSA) — Maxixe?! (GRITANDO) Ai! Ai! Vou desmaiar! Éter! Água de milissia! Ai! Me segurem! Me segurem!

FLORA — Honorata! Segure aí essa senhora. (NORATA VAI AMPAR A VIÚVA E ÉSTA DÁ-LHE UM EMPURRÃO)

VIÚVA — Vá segurar o diabo, sinha lambisgóia! (SAI DESESPERADA D.B.)

NORATA — Vai danada!

NINITA (GRITANDO) — Pega fogo, labareda!  
(OUVE-SE BARULHO À E.A.)

VOZES (FORA) — Pega o bruto! Ei! Vai preso! . . .  
(GRITOS, ASSOVIOS, ETC.)

FLORA (ASSUSTADA) — Vamos pra casa!  
(SAEM APRESSADAMENTE. MARICOTA D.A E AS OUTRAS E.B.)

## CENA VI

Cabo, Bentevi e depois Chico e o Coronel

(CABO TRÁS NA MÃO UM ENORME CACETE E UMA GRANDE FACA DE BENTEVI)

CABO (ENTRANDO COM BENTEVI) — Ramo! Macho! Senão se mete im fulande! (EMPURRA-O)

BENTEVI — Num impurre! Num impurre, qui eu vou.

CABO (INDO À E.B.) — Seu curuné tá im casa?

CHICO (APARECENDO) — Tá não. (VENDO BENTEVI) Ai! É o Bentevi. . .

BENTEVI — Tou preso, Chico.

CHICO — Seu cabim. . . Sorte ele. . . É meu mano. . .

CABO — Que sorte o que! Ocê sabe lá o qui tá dizendo.

CHICO — Quê qui tu fez, Bentevi?

BENTEVI — Nadinha, mano. Esse cabo mermo é safado.

CABO — Num insurte. Num insurte, qui é pió. (PARA CHICO)  
Moleque. . .

CHICO — Moleque, não. Trate séro.

CABO — Deixe de prosa! Seu curuné inda demorará munto?

CHICO — Eu sei lá. Quano ele saiu s'insqueceu de dizê a eu pr'onde  
ia. . .

CABO — Apois, ramo insperá ele.

BENTEVI (FAZENDO MENÇÃO DE SAIR) — Deix'eu i m'imborá.

CABO (COM AUTORIDADE) — Têje quéto. Ocê vai é chupá ca-  
deia. Véve se metendo a ralente, fazendo istropiço nos sam-  
ba. . .

BENTEVI — O curpado num foi eu não. Foi o Chico da Biluca.  
Eu tava cantando e vêi cum piléra pra minha banda. Eu  
num rêjo quem cante mió do qui eu.

CABO — Deixe de pabulage! . . . ocê lá sabe cantá!

BEMTEVI — Qué vê diga! (PARA O CHICO) Chico, tu inda pissúi  
aquele carraqum?

CHICO — Pissúo.

BENTEVI — Apois rai buscá. (CHICO SAI)

CABO — Iss'é nego besta. Eu canto mió do qui tu.

BEMTEVI — Taí uma coisa qui eu quiria vê.

CHICO (APARECENDO COM O CAVÁQUINHO) — Tá qui o bruto.

BENTEVI — Tempera esse danado, e toca lá um baião, Chico.  
(CANTA)

No baião eu sou bichão,  
Sapateio, assim dengoso  
Dou de garra o violão  
E o pinho geme choroso.

CABO —

Nego num seja gabola  
Qui você só tem astuça;  
Pois quano eu pego a viola,  
Chega danada saluça. . .  
(REPETE A QUADRA)

BENTEVI —

Eu sou moleque cantadô  
Ó. . Ó. . Ó. . Ó  
Deste sertão o terrô  
Ó. . Ó. . Ó. . Ó

CABO —

Nego, deixa de visage  
E cunhece o teu lugá;  
Qui tu num leva vantage.  
Si tu quéis m'inspromentá.

BENTEVI —

Deixe a gente s'insprandi,  
Num te mete im principiço Bis  
Qui onde está o Bentivi  
Vê-se logo o istropiço...

BENTEVI —

Neste sertão do Ceará  
Ah!.. Ah!.. Ah!.. Ah!  
Num ai quem possa me iguaiá  
Ah!.. Ah!.. Ah!.. Ah!

CORONEL (ENTRANDO) — Cabo Quelemente!

CABO (PERFILANDO-SE) — Pronto, seu curuné.

CORONEL — Qui chinfrineira é essa na minha porta?!

CABO (PERFILADO) — Seu curuné, eu truve esse preso mode  
apresentá a V. Incelença.

CORONEL — E tava aqui todo se penerando cum ele! Adonde foi  
qui já se viu a oturidade dançá c'os preso, Cabo Quelemente?!

CABO (ATRAPALHADO) — Seu curuné, me descurpe.

CORONEL — Você é que deverá sê preso, Cabo Quelemente. (O.T.)  
E o que foi qui esse home fez?

BENTEVI — Eu num fiz nada não, seu curuné.

CABO — Fez. Fez um istropiço medonho num forró, esta noite,  
na casa da Biluca.

CHICO — Seu curuné, esse é meu irmão. É o Bentivi.

CORONEL — Bentivi?! Ele tá parecendo mais é c'uma graúna.

CHICO — Mande sortá ele, seu curuné.

CORONEL — Deixe de sê inxerido, moleque. Vai lá pra dentro.  
(CHICO SAI E.B.)

E saiu arguém ferido?

CABO — Saiu, seu curuné. O Chico c'a cabeça lascada de riba a  
baixo.

CORONEL — O Chico da Biluca?

CABO — Inho, sim.

CORONEL — Apois home; foi bem feito. Eu isturdia acabalei o Chi-  
co nas darradeira inleicão, e ele im vez de votá cum nós, foi  
votá n'oposição. (PARA O CABO) Sorte o home!

CABO (PARA BEMTEVI) — Apois têje sorto, de orde supriô.

BENTEVI — Brigado, seu curuné. Pode contá c'o Bentevi pr'um  
tudo. Seu curuné... (APONTANDO) a minha faquinha e o  
meu cacetim.

CORONEL (AO CABO) — Intregue os instrumento do home.

CABO (ENTREGANDO) — Tá qui.

BENTEVI (BAIXO AO CABO) — Cunheça, cabra!... (SAI D.B.)

CABO — Seu curuné... dá licença qui eu me arritire?

CORONEL — Pode se arritirá. (CABO FAZ A CONTINÊNCIA E SAI  
E.A.) (CORONEL ENTRA EM CASA)



## CENA VII

Calu, e depois Norata.

**CALU (ENTRANDO E.A.)** Adonde tará Norata socada?! Tá munta ela, qui tá danada! Eu chega fiquei todo arvorçado; só marginando besteira. Nem drumi direito. Só assonhado... só assonhando. (O.T.) Eu assonhei inté qui nós tinha se casado! Eu, todo imbonecado, c'um liforme novo... E a Norata cum vestido branco, qui era um baita... Um rabão que ia bem acoló. (O.T.) Eu num sei pra qui dimonho a gente a sonha essas besteira!... Amanhéci cum zumzum dos dianga, na cabeça. Isso é a tentação do Capirôto!... (AO FIN-DAR O MONÓLOGO ESTÁ A D.B.)

**NORATA (A JANELA)** Ei! Calu!...

**CALU (ACENANDO-LHE)** — Vem cá, muié.

**NORATA (SAINDO EM CENA)** — Eu num quero munta cunvéisa não, qui ind'agora já houve aqui o diabo.

**CALU** — Houve o diabo? Cuma?

**NORATA** — Sinhá Dona Fulora pegou seu Doutô Manduca, aqui mermo nesse lugá, cum palêi pra minha banda, e foi um sarceiro medonho!...

**CALU** — O seu Doutô Manduca?!

**NORATA** — Sim, criatura. Num pode vê eu. Vem logo cum prosa pro meu lado, todo afitado, todo chêi de nó pelas costa...

**CALU** — Qui doutozim sévergonha! Xeu num fosse tão mofino, Norata, eu acho qui eu tinha corage de dá umas tapa naquele doutozim máica pistola!

**NORATA** — É mió sê mofino mermo, Calu. O meno tá livre de baruío. (O.T.) Ai, home! Eu ind'agora fui na tua casa. E nem vi tu...

**CALU** — Tu foi lá im casa?! Eu num tava lá. Eu andarra pastó-rando umas vaca de seu vigaro.

**NORATA** — Seu curuné mandou qui eu dicesse a seu Fulorindo qui já tinha arrumado pra tu num sê sordado...

**CALU** — J'arrumou?! (PULANDO) Ou coisa boa! Ôrra diabo! Tou sastifeito, Norata, cuma num sei qui diga. Chega me dá rontade de abraicá todo mundo. (ABRE OS BRAÇOS)  
(MANDUCA APARECE E.A.)

**NORATA (VENDO-O)** — Apois, antonce, abraçe ali seu Doutô Manduca, qui eu rou pra casa. (ENTRA EM CASA E.B.)

**CALU À PARTE)** — Aquele eu tinha rontade de abraçá mais era cum bofete.  
(VAI A SAIR D.B.)

**MANDUCA (APROXIMANDO-SE DE BRAÇOS ABERTOS)** — Vem cá, rapaz. Dá-me um abraço. Não ouviste a Honorata passar-me a procuração?...

(CALU FAZ-LHE UMA CARETA E SAI D.B.)

## CENA VIII

Manduca e Flora

MANDUCA (REFLEXIONA E EXCLAMA DEPOIS, COM DESALENTO) — E eu ainda tenho coragem de escarnecer de alguém!... De rir-me, na desesperadora situação em que me vejo!... (SUBINDO NA DIREÇÃO D.A.) Ah, mundo velho... mundo velho...

FLORA (SAI E.B. E DIRIGE-SE VAGAROSAMENTE A D.B.) — Oh! Meu Deus!... Que aflição atroz!... Que desalento cruel!... Ludibriada, desumanamente ludibriada nos mais santos anelos de minh'alma!...

MANDUCA (DESCENDO) — Flora!

FLORA (EM TOM SÚPLICE) — Retire-se, senhor. Por piedade, não zombe da minha dor...

MANDUCA (COM PAIXÃO) — Flora, ouve-me. Juro-te, por tudo quanto haja de mais puro sobre a terra; tu foste, és e serás sempre o meu único e verdadeiro amor. (CANTA)

És a minha paixão,  
O meu primeiro amor,  
Dei-te o coração,  
Mímosa flor  
Deste nosso sertão.

FLORA —

Eu já o não quero mais.  
Vou tentar esquecer...  
Pois, em juras tais,  
Não posso crer  
Jamais!...

MANDUCA —

Dei-te o coração  
Ai amor (Bis)  
Minha Flor!  
Crê nesta aflição...

FLORA —

Não senhor! (Bis)

MANDUCA —

Oh! Que desilusão!...  
Sê complacente, Flora...  
Tem... Tem compaixão  
O teu perdão  
A minh'alma te implora!...

FLORA —

Vai ser o meu viver  
De doloridos ais  
Eu, em juras tais,  
Não posso crer  
Jamais! . . .

MANDUCA — Então, meu amor?!

FLORA — O senhor é um pérfido!

MANDUCA — Não me trates com tamanho rigor. Não sejas mazi-nha, Flora. Olha: consente que, hoje mesmo, eu peça a tua mão . . .

FLORA — Pedir a minha mão . . . E o senhor não vai casar com aquela velha que o senhor disse que era sua tia.!

MANDUCA — Eu?! Eu não. Quem te disse semelhante disparate, minha filha?!

FLORA — Ela própria. Disse até que o senhor tinha marcado o ca-samento para o dia 30.

MANDUCA (À PARTE) — Ai, viúva do diabo! (ALTO) Pois aquela maluca teve a coragem de dizer isso?! E tu acreditaste?!

FLORA — Acreditei, sim. Tudo que me disserem do senhor, eu acredito. Eu não vi o senhor, aqui, namorando a Honorata?!

MANDUCA — Aquilo foi um gracejo inofensivo . . . Foi só pra me-xer com ela.

FLORA — Pra mexer com ela . . .

MANDUCA — Sim. Pra vê-la agastada. Ficar possessa . . .

FLORA (BALANÇANDO A CABEÇA) — Pois sim . . . (FAZ MEN-ÇÃO DE SAIR).

MANDUCA — Vem cá, meu amor. Então? (PEGANDO-LHE NAS MÃOS) Posso pedir-te a teu pai?

## CENA IX

Os mesmos, a Viúva e depois o Cabo.

VIÚVA (APARECENDO D.B.) — O que?! Que pegadio é esse!  
Larga a mão da moça, Manduca.

MANDUCA — Não largo. Não largo. Porque não quero, sabe? . . . É minha noiva.

VIÚVA — Sua noiva?! Essa sirigaita?! E eu?!

MANDUCA (PASSANDO) — Tu já estais muito decadente. Deves ir rezar. Cuidar da alma, sabe?! Enquanto a morte não chega . . .

VIÚVA (EM DESESPERO) — Maldição! . . . Enganou-me. Enga-nou-me o patife. (PASSANDO) E por causa desta matuta feia, desta boneca de pano. (OLHANDO PARA UM E OU-TRO) Ah! Diabos! . . .

MANDUCA (PASSANDO) — Flora, vai pra casa. Vai; senão ela te morde.

(FLORA APERTA-LHE A MÃO E ENTRA EM CASA E. B. / MANDUCA VAI A SAIR E. A.)

VIÚVA — Man...duca!... Ai! Ai! Vou desmaiar! Ai! Me segure!... Me segure!...

MANDUCA — Espere aí que eu já volto. (SAI E. A.)

VIÚVA — Ah! Canalha! Ah! tipo asqueroso!...

(CABO ENTRA D. B.)

VIÚVA (VENDO-O) — Oh! Denodado militar!... Defensor dos fracos e dos oprimidos!...

CABO (NA CALMA) — Quê qui hai?...

VIÚVA — Fui ofendida.

CABO (IDEM) — É possível?!

VIÚVA — Sim. Estupendamente ofendida no meu amor próprio. Preciso vingar-me! (PEGANDO-LHE NO BRAÇO COM FORÇA) Preciso vin. .gar-me.

CABO — Mais qui destempero é esse, sinha Dona?! Voutes!...

VIÚVA — Puxe o seu valente sabre!... (GRITANDO) Puxe!...

CABO (PUXANDO) — Tá qui.

VIÚVA — E atravesse, de lado a lado, o coração do traidor!...

CABO (EMBAINHANDO O SABRE) — Hum!... Tá c'o miolo avariado!...

VIÚVA — (GRITANDO) — Mexa-se! E então?! E então?!... (SACODE-O POR UM BRAÇO)

CABO (SEMPRE NA CALMA) — Laigue o meu braço, sinha Dona. Arrespeite a óturdade.

VIÚVA — Ah! Eu estou como uma bomba!... Se não me vingo... estoiro!... (PASSA)

CABO — Apois, antonce, vá estourá pra lá.

VIÚVA — Pobre viúva!.. Sem mãe, sem pai, sem marido...

CABO — Deus é marido das viúva e pai dos orfo...

VIÚVA — O senhor é casado?

CABO — Faz seis ano qui eu fiz essa besteira.

VIÚVA — Pois eu lhe peço que me vingue. Pela vida de sua mulherzinha que deve ser tão boa criatura!...

CABO (NA CALMA SEMPRE) — É boazinha. É. No começo, logo qui nós se casemo, ela a modes qui quiria me subjugar, pisá no meu cangote; mais foi só chiá no chicote (BATE COM OS DEDOS) e abrandá o gênô. Cum duas sapeças ficou qui é vê um burrego. É a meizinha.

VIÚVA — Pois, pela vida de sua mulher; pela vida de seus filhinhos...

CABO — Ah! Iss'é bicho qui eu num pissúo.

VIÚVA — Não tem filhos?

CABO — Inhora não; graças a Deus. Nem eu... e nem lá a muié. (O. TOM) Mais quem foi qu'ofendeu vamicê?!

VIÚVA — O pior canalha qui existe sobre a terra. O tal Doutor Manduca.

CABO (ADMIRADO) O que?!... Seu Doutô Manduca? Seu Doutô Promotô?! (O. TOM) Oi, sinha Dona; tome o meu consêio: vorte im riba das buxa pro Ceará, e deixe d'andá cum essas indiotiça. Sinão vamicê acaba aqui é comendo arame farpado. (SAI CALMAMENTE E.A.)

## CENA X

### Viúva e Calu

VIÚVA (DEPOIS DE REFLEXIONAR) — Esse homem tem razão. Que posso eu adiantar com semelhante estardalhaço?! O que eu devo fazer, quanto antes, é... procurar outro noivo. (CALU APARECE D.B. COM UMA CUIA DE OVOS PARA O PADRINHO) (A PARTE) Eis ali o marido que me convinha... Um amor em primeira mão... Novinho em folha... (SUSPIRA ALTO) Ai!...

CALU (APROXIMANDO-SE) O que foi, sinha Dona?! Tá sentindo alguma coisa?!

VIÚVA — Não. Suspirei.

CALU (A PARTE) — Assuspirou... Ou véia assuspiradora...

VIÚVA (APONTANDO PARA A CUIA) — Que trazes aí?

CALU — É uns óvo qui eu truve pa meu padrim. Ele arrumou pr'eu num sê sordado.

VIÚVA — Como te chamas?

CALU — Meu nome é Calorindo. Mais o povo aqui, todim, só chama eu é Calu.

VIÚVA — E eu sou... Mar..cionília. Mas na capital todos me conhecem por... Massu. Calu... e Massu...

CALU — Inté dá certo. É uma boca de bode.

VIÚVA — Dá certo, sim, meu amor. Calu é diminutivo de Carolino, assim como Massu é o diminutivo de Marcionília.

CALU — Ai, home!... Antonce tudo aqui acaba im ú é disminutivo!...

VIÚVA — Quase sempre.

CALU — E tatu? É disminutivo de que?!

VIÚVA — É uma exceção à regra.

CALU — An!... É uma sessão.

VIÚVA (RESOLUTA) — É, Calu! Queres ser meu marido?

CALU — Eu não. Dêсна d'onte qui eu tou gostando da Norata. Assonhei inté cum ela esta noite.

VIÚVA — Ora, a Norata, a filha de um vaqueiro réles. Tu nasceste, Calu, para ser o companheiro inseparável da minha vida, por quem meu coração, dia e noite, palpitará de infindo amor... (PEGANDO-O POR UM BRAÇO) Tu queres? Vamos. Dize. Responde.

CALU — Viuge, Sinha Dona!... Qui avexame é esse?! Laigue o meu braço. Vamicê quebra os óvo. (VIÚVA LARGA-O) (A PARTE) Mode coisa que gira... (ALTO) Inté logo. (FAZ MENÇÃO DE SAIR).

VIÚVA — Não. Vem cá. Quero levar-te para a Capital. Lá, celebraremos as nossas doces e inefáveis bodas, isto é, o nosso casamento.

CALU — E seu Doutô Manduca? Vamicê num dixeu qu'era noiva dele?!

VIÚVA — Era. Mas depois que te vi, não mais fiz caso do tal Doutor Manduca. Eu quero ouvir-te os primeiros vagidos... de amor... Só contigo, é que eu desejo casar. Queres?

CALU — Mermo qui eu querêsse... papai num deixava...

VIÚVA — Teu pai nem precisa saber de cousa alguma. Quando te procurar, estaremos longe!...

CALU — Eu acho qui num agoentava nem essa viagem. Tou tão isbitado... Tomei isturdia uma garrafada qui a mamãe aperparou, mais foi mermo qui nada.

VIÚVA — Eu própria te tratarei. Dentro de pouco, estarás outro, física e moralmente outro, para a vida... e para o amor. Com duas séries de injeção de soro...

CALU — Ora boca de soro... Todo santo dia eu bebo soro cumo dianga, e cada vez fico mais magrelo.

VIÚVA — Mas não é o soro específico, ministrado em injeção. Olha, com uma agulha, fura-se o músculo... (IMITANDO)

CALU — Fura o musco?! Logo num vê qu'eu num deixo ninguém furá eu. Vá furá o bôio.

VIÚVA — Nada te faltará, Calu. Sou rica, sabes? Terás boa boia; roupa nova... Andará no trinque. Hei de fazer de ti um almofadinho...

CALU — Oi! Qué fazê d'eu armofada?! Ora façum indéa... Vá fazê armofada... do cão.

VIÚVA — Tudo que desejares, terás.

CALU — Ai, home! Apois o qui eu mais tinha rontade de pissuí, era um vialejo, uma baladeira e uma bicicleta pr'eu me amontá; cuma aquela do fio de seu Doutô Piligrino, Juiz de Direito...

VIÚVA — Pois terás também o realejo, a baladeira e uma bicicleta.

CALU (PULANDO) Ôrra diabo! Eu rou me amontá na bicicleta...

VIÚVA — Desde já, considero-te meu noivo. A condução está pronta; vamos partir sem tardança. (CANTA)

Vamos sem tardança,  
Deixar o sertão.  
Criança!... Criança!...  
És minha paixão...

CALU —

Está só na zona,  
Pra se apaixoná,  
Sinha Dona... Sinha Dona...  
Chegue mais pra lá...

VIÚVA (PUXANDO-O) —

Olha-me de frente,  
Bem de frente, assim.  
Tens medo de gente,

CALU — Ó meu querubim!... (PEGA-O NUM BRAÇO)

O braço num me acocha...  
Qui muié medonha!  
Me afróxe... Me afróxe,  
que eu tenho vergonha...

VIÚVA —

És muito medroso!  
Em todo o Ceará,  
Dengoso!... Dengoso!...  
Outro, assim, não há.

CALU —

Assim sempre eu fui,  
Puxei à mamãe,  
Que sortava um ui  
se via uma rã...

VIÚVA (À PARTE) —

Nunca vi marmanjo  
Acanhado assim...  
(ALTO) Meu anjo!... Meu anjo!...  
Tem pena de mim.

CALU —

Vejum qui negoço...  
Qui prisiguição...  
Num posso... Num posso  
cum tal tentação.  
(DANÇAM)

VIÚVA — Então?! Vais comigo?

CALU — Eu rou. Disgraiça pouca é bobage. Eu rou fazê de conta  
qui fui arriculutado.

VIÚVA — Então, vamos a toda pressa. Os cavalos estão selados.

CALU — Ói a bicicleta, o vialejo e a baladeira. Rocê premeteu.

VIÚVA — Terás tudo. Vamos. (VÃO A SAIR, E CALU MOSTRANDO A CUIA)

CALU — Ai, home! E os óvo que eu truve pa meu padrim! . . .  
VIÚVA — Deixa-os ali na porta dele. (CALU EXECUTA, E VÃO  
A SAIR/A PARTE, COM OS OLHOS NO CÉU) Ai, meu  
Deus! . . . Vou ser raptada! . . . (SAEM D.B.)

## CENA XI

Coronel, Chico e depois Manduca e Flora

CORONEL (ENTRANDO) — Qui negócio é esse?! Uma cuia de óvo.  
Quem demonho terá butado isso aqui?! (CHAMANDO) Ou  
Chico! . . .

CHICO (FORA) — Inhô! . . .

CORONEL — Anda cá, moleque. (CHICO APARECE) Você sabe  
quem foi qui butou esses óvo aqui?! . . .

CHICO — Sei, inhor não.

CORONEL — Leva isso lá pra dentro. (CHICO SAI CONDUZIN-  
DO A CUIA) Home, aqui aparece coisa! . . .

MANDUCA (ENTRANDO E. A.) Oh! Coronel! Como vai essa for-  
ça? . . .

CORONEL — Um mucado fraca, seu Doutô.

MANDUCA — Coronel, tenho um assunto de suma importância  
a tratar com o senhor.

CORONEL — D'importância? E qual'o é? . . .

MANDUCA — Desejo casar-me, coronel.

CORONEL — E faz munto bem, menino.

MANDUCA — Mas . . . preciso da sua aprovação.

CORONEL — Da minha aprovação?! . . .

MANDUCA — Sim, coronel; porque a noiva . . . é sua filha.

CORONEL — É minha fia. É qual'o é delas?

MANDUCA — A Flora.

CORONEL — E ela já dixeu qui quiria?

MANDUCA — Disse, sim.

CORONEL — Apois tá tudo arranjado, home. Eu tenho inté mun-  
ta sestifação nisso.

MANDUCA — Obrigado, coronel.

CORONEL — E vocês já se namorarum?

MANDUCA — Alguma cousa, coronel.

CORONEL — Apois, home, ôcê fique sabendo, qui pai é coisa bes-  
ta. Apois num butaram arêia nos meus óio . . .

MANDUCA — É sempre assim, coronel.

CORONEL — E diga, home (CHAMANDO) Fulora! . . .

FLORA (FORA) — Senhor!

CORONEL — Anda cá, muié. (FLORA APARECE) Fulora, aqui  
seu Doutô Manduca pediu tu im casamento.

FLORA — E ele sabe se eu quero?!

CORONEL — Ele qui pediu é proquê alguma coisa ele sabe . . .



MANDUCA (PASSANDO) — Flora!  
CORONEL — Depois, muié, tu quererá injeitá um partidão desse?!  
FLORA — Não. Aceito. (BAIXO A MANDUCA) Mas o senhor há de prometer-me, nunca mais arrastar a asa a quem quer que seja, e não ensinar ninguém a dançar maxixe.  
MANDUCA — Só a ti, meu anjo. Só a ti!...

## CENA XII

Os mesmos, Florindo e depois Regalado e o Cabo.

FLORINDO (ENTRANDO, AFOBADO) — Seu curuné... Seu curuné...  
CORONEL — O que foi, home?!  
FLORINDO — Ai, meu cumpade. O Calorindo fugiu.  
TODOS — O Calu?! Fugiu?!  
FLORINDO — Fugiu, inhô sim. Me dixeram qu'ele arribou c'uma véuva, qui tava buletada na casa da professora.  
TODOS — Com a viúva Gurjão?  
FLORINDO — Inhô, sim. Ah! Meu cumpade, só vamicê, só vamicê pode valê nós nesse avéxame.  
CORONEL (GRITANDO) — Chico!... Ou Chico!...  
CHICO (ENTRA E FAZ CONTINÊNCIA MILITAR) — Pronto, seu curuné.  
CORONEL — Vá na carreira chamá o Cabo Quelemente. (CHICO SAI ESQUIPANDO)  
FLORA — Que viúva endemonhada!...  
FLORINDO — Ingabelou o menino, sinha Dona. Totonha, minha muié, tá lá im casa, coitada, qui só farta é perdê o iuízo. (REGALADO APARECE D.B. DIRIGINDO-SE A E.A.)  
CORONEL (VENDO-O) Ei, mocim! Quê qui inda anda fazendo pur aqui?!  
PEDRO (VOLTANDO-SE) Nada, Coronel. Regresso hoje à Capital, sabe?! Foi extinta a comissão, e eu fiquei no ora veja.  
MANDUCA — E a professorinha?  
PEDRO — Desisti da pretensão. Tirei informações. Ordenadozinho pequenino... uma insignificância. E além disso... quatro meses de atraso... Não vale a pena o sacrifício.  
CABO (ENTRANDO E.A.) As suas orde, seu coronel.  
CORONEL — Quantas praça hai aqui?!  
CABO — Só eu e o Mané Toró. O Zé Mofumo tá intrevado, e os outo forum tudo pro Saco da Oreia mode uma morte qu' houve ontem lá.  
CORONEL — Depois antonce arrequesite uns paisano pr'uma diligência. Oi, arriquisite logo aquele. (APONTA PARA REGALADO).

CABO — Ei, seu moço. Tá arriquisitado pra í uma diligênça. Ramo. (PEGA-LHE NUM BRAÇO)

PEDRO — Mas o que é isso?! Seu coronel... olhe ist'aqui. Mande este cabo me soltar.

CORONEL — Deixe de dengue, home. Vá. (CABO SAI ARRASTANDO PEDRO, E ESTE PROTESTANDO) Cumpade, eu rou mandá um destacamento atrás dos dois fujão.

FLORINDO — Brigado, meu cumpade.

CORONEL — E agora, seu Doutô, ramo lá im casa dá notiça do peditôro.

MANDUCA — Pois não, coronel. Vamos Flora.

CORONEL — Cumpade, Fulorindo, ramo cum nós.

FLORINDO — Não, meu cumpade, eu fico insperando mêrmo aqui.

CORONEL — Antonce, inté já.

(ENTRAM E. B. O CORONEL, MANDUCA E FLORA)

### CENA XIII

Florindo, Cabo com o Destacamento, e depois Coronel, Manduca, Flora, Zefa, Ninita e Maricota.

(OUVE-SE TOQUE DE CORNETA, EM SEGUIDA, O CABO ENTRA COMANDANDO O DESTACAMENTO. ESTÃO FARDADOS, APENAS, O CABO E BALDUÍNO; E À PAISANA, REGALADO, BENTEVI E ZÉ-MINGOTE. ESTÃO DE ARMAS AO OMBRO, EXCEÇÃO AO CABO)

CABO (ENTRANDO) — Marcha!... Im frente!... Droba pa direita! Im déreção à casa de seu curuné Montezumba... Arto! Marcá passo!

TODOS — Um, dois! Um, dois! Um, dois! Um, dois!...

CABO — Meia vorta, vorvê; Ordinariô! Marcha! (EXECUTAM ATRAPALHADAMENTE; UNS SEGUEM PARA UM LADO E OUTROS PARA OUTRO LADO) Qui diabo é isso?! Num sejum bruto! Pr'adonde um fô os outo tem qui i tomêra. (APARECE CORONEL, FLORA, ZEFA, NINITA E MARI-COTA/DESCEM D.A.) Pronto, seu curuné. Tá aqui os home.

PEDRO (DIRIGINDO-SE AO CORONEL) — Seu curuné, manda esse cabo...

CABO — Vá pra forma, paisano!

CORONEL — Cabo, vamicê vai numa diligênça cum esses home;

Mode prendê o Calorindo Canapum qui fugiu cum a véúva.

CABO — Inhô sim, seu curuné.

## CENA XIV

Os mesmos, Zé Galdino e Norata.

GALDINO (ENTRANDO D.B.) — Chi!... Quanta gente arréunida!... (PARA O CORONEL) Cuma tem passado, seu curuné?

CORONEL — Zé Gardino! Quê qui anda fazendo pur aqui?... (CHAMANDO) Norata! Vem tomá benção a teu pai.

NORATA (ENTRANDO E.B.) — Sua benção, meu pai.

GALDINO — Ó Nossa Senhora te potreja!

CORONEL — Hai arguma novidade lá pula Fazenda, Zé Gardino?

GALDINO — Inhô não, seu curuné. Eu rim pru mode um recado qui eu arrecebi de Sinha Dona Fulora pra rim buscá a Norata.

CORONEL — Qui históra é essa, Fulora?

MANDUCA (BAIXO A FLORA) Flora, deixa a Norata ficar. Não há perigo.

FLORA (A ZÉ GALDINO) Já não é preciso levá-la, Zé Galdino.

GALDINO — Mais, seu curuné, qui mal prôgunto, p'adonde vão esse povo. (APONTA PARA O DESTACAMENTO)

CORONEL — Vão uma diligença pa prendê o Calorindo.

GALDINO — O Calorindo?! Antonce é bobage! Eu encontrei ele mais u'a véia há quage uma légua daqui, e iam num carreirão dos dianga!...

MANDUCA — Então é asneira mesmo mandar essa gente, coronel. Certamente os fugitivos, a esta hora, já vão longe.

FLORINDO — Ah, meu cumpade, tenha compaixão de Totonha minha muié!...

CORONEL — Eu tenho munta pena de Totonha sua muié, mas qui dimonhe vamicê qué qui eu faca?

MANDUCA — Há um jeito, coronel.

CORONEL — E qual'o é, home?

MANDUCA — O senhor ir à Capital, à procura do Calu.

FLORINDO — Vá, meu cumpade: me faça essa caridade.

CORONEL (TOMANDO RESOLUÇÃO) — Apois eu rou. E lerr'o Cabe Quelemente. (CHAMANDO) Cabo Quelemente!

CABO (PERFILANDO-SE) Às suas orde, seu curuné.

CORONEL — Aperpare-se para i mais eu, já e já, pro Ceará.

CABO — Inhô, sim, seu curuné.

PEDRO — E eu faço parte da comitiva, coronel. Posso prestar-lhe bons serviços na Capital.

CORONEL — Tá feito, home! !

FLORINDO — Viva meu cumpade Montezumba!

TODOS — Viva!... (CANTAM)  
CORONEL — Pro Ceará nós vai partindo,  
    Já e já.  
    Atrás nós vai do Calorindo  
    Pa pegá...  
CORO — Vão atrás do Calorindo  
    Vão partir pro Ceará.  
    Ai! Ai!  
CORONEL —  
    Seu Cabo, tome conta da bagage  
    Que nós já tá é de viage!  
    (DANÇAM)  
CABO —  
    Do sertão eu rou cum prazê  
    Me osentá.  
    O Ceará vou conhecê.  
    Ualalá!...  
CORO —  
    Do sertão vai se osentá  
    Vai partir pro Ceará  
    Ai! Ai!  
CORONEL —  
    Véúva! Ou qui véia incapêta  
    Eu te desconjuro, excomungada.  
CABO — De viage, eu rou partindo  
    Faça sol ou haja chuva!  
    Pra arrancá o Calorindo  
    Das garra da tal véúva!  
CORONEL —  
    É uma véia dos seiscentos  
    A tal véúva Grujão...  
    Nós vai já, neste momento,  
    Vê se pega os dois fujão.  
CORO —  
    Ou qui véia dos dimonho  
    A qui vêi do Ceará;  
    O Calu pro matrimonho  
    Ela a muque qué pegá.

Fim do segundo ato.